

RESTAURO DOS JARDINS DE BURLE MARX PARA O IPPMG/UFRJ: EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA DE OBSERVAÇÃO DE USOS

RESTORATION OF THE BURLE MARX GARDENS FOR IPPMG/UFRJ: A METHODOLOGICAL EXPERIENCE OF OBSERVING USES

Yuri Queiroz Abreu Torres

Lucia Maria Sá Antunes Costa

Denise Barcellos Pinheiro Machado

Pedro Guimarães Teixeira

Priscilla Villela da Costa

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal aplicar e discutir metodologias que contribuam para o processo de restauro e atualização do projeto paisagístico de Burle Marx para o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, localizado no Campus Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com foco específico nas observações de uso, o artigo explora o mapeamento comportamental como um dos instrumentos auxiliares para o estabelecimento de diretrizes para o restauro de um patrimônio paisagístico de uso público, projeto do mais importante paisagista brasileiro. O trabalho conclui argumentando, entre outros pontos, que os espaços atualmente existentes não incorporam a lógica originalmente proposta de articulação entre os espaços abertos e a edificação, e aponta futuros procedimentos para o processo de restauro e atualização.

Palavras-Chave: Burle Marx. Paisagismo. Jardim Histórico. Restauro.

ABSTRACT

This study aims to apply and discuss methodologies that contribute to the process of restoring and updating Burle Marx's landscape project for the Institute of Childcare and Pediatrics Martagão Gesteira at the Federal University of Rio de Janeiro. Specifically looking at use observations, this study explores behavioral mapping as a tool to design guidelines to restore this public landscape heritage, designed by the most important Brazilian landscape designer. This study argues, among other issues, that the currently existing spaces fail to incorporate the originally proposed articulation between the open spaces and the building and points to future restoration and updating procedures.

Keywords: Burle Marx. Landscape Design. Historic Garden. Restoration.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2023.223792>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 34, n. 52, 2023.

I. INTRODUÇÃO

Ações de proteção e restauro de jardins históricos no Brasil são práticas que começaram tardivamente, quando comparadas às ações sobre o patrimônio edificado. Treitler (2010) lembra que apenas nos anos 1980 os estudos sobre tombamento e proteção de jardins passaram a ser realizados com mais profundidade pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), embora o órgão tenha sido criado em 1937. Ele argumenta que isso ocorreu devido a uma visão equivocada do Iphan àquela época, que considerava o jardim apenas como um simples complemento do objeto arquitetônico.

Este quadro foi mudando ao longo do tempo, e em 1999 o Iphan publica o **Manual de intervenção em jardins históricos**, e em 2010 a **Carta dos jardins históricos brasileiros**, dita **Carta de Juiz de Fora**, que trazem diretrizes de preservação e proteção dos jardins como patrimônio no Brasil. Na sua apresentação, o manual destaca que os jardins apresentam “aspectos singulares a exigir soluções próprias [...]. O bom senso e a vontade de proteger irão orientar as ações corretas” (Iphan, <1999>a). Em outras palavras, cria espaço para uma flexibilidade de interpretação e de intervenção, sempre com base em procedimentos técnicos.

2

Este artigo tem como objetivo discutir uma das atividades metodológicas utilizadas no processo de restauro dos jardins de Roberto Burle Marx para o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), no Campus Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com foco específico nas observações de uso, o artigo explora o mapeamento comportamental como um dos instrumentos auxiliares para o estabelecimento de diretrizes para o restauro de um patrimônio paisagístico de uso público. Este estudo é parte de uma pesquisa voltada para a preservação e restauro dos jardins de Burle Marx para a UFRJ, visando valorizar e divulgar sua relevância no âmbito do paisagismo moderno no Brasil (Costa et al., 2018, 2022).

Burle Marx, que faleceu em 1994, teve seus projetos paisagísticos reconhecidos como jardins históricos mais recentemente: no Rio de Janeiro em 2009 e no Recife em 2016¹, ambos nas esferas municipais. Algumas das experiências de restauro de seus jardins têm sido documentadas e o

conjunto destas práticas traz tanto atividades em comum quanto aquelas que são específicas culturalmente – seja pelo caráter da obra, pela sua localização, pelo seu uso público ou privado, entre outros aspectos. Em especial, cabe destaque aos trabalhos de restauro dos jardins públicos de Burle Marx no Recife, que envolveram uma série de ações metodológicas – tais como pesquisas históricas, documentais e botânicas, inventários florísticos, recuperação estrutural de lagos, observações de uso, workshops e cursos (Carneiro et al., 2007, 2015; Carneiro; Silva, 2019; Silva, 2020). Estas ações metodológicas não são todas aplicadas em cada uma das áreas, mas sim de acordo com a situação de cada jardim. Em seu conjunto, formam um importante legado que pode orientar futuras gerações nas importantes ações de restauro e manutenção do patrimônio deixado pelo nosso mais importante paisagista.

Para uma discussão das ações metodológicas de restauro dos jardins do IPPMG, esta Introdução é seguida de uma apresentação do projeto paisagístico de Burle Marx para o instituto nos anos 1950 e de sua situação atual. A partir daí, a apresentação da metodologia e dos resultados se dá em duas etapas: primeiro a escolha das ferramentas de levantamento e mapeamento dos usos atuais nos jardins do IPPMG; e, em seguida, as análises categorizadas. Partindo então para a discussão dos principais resultados destas observações de uso. Nas considerações finais, o trabalho argumenta que os espaços atualmente existentes não incorporam a lógica originalmente proposta de articulação entre os espaços abertos e a edificação, apontando futuros procedimentos para o processo de restauro.

2. BURLE MARX E OS JARDINS DO IPPMG NA CIDADE UNIVERSITÁRIA

O IPPMG foi o primeiro edifício a ser construído na Cidade Universitária da então Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1953 (Figura 1). O projeto arquitetônico é do arquiteto modernista Jorge Machado Moreira, à época também arquiteto-chefe do Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB). O edifício, composto pelo elegante entrelaçamento de três blocos principais, logo se destacou pela excelência de sua arquitetura, e é reconhecido como a melhor obra arquitetônica do campus (Jardim, 2001). Ao contrário das outras edificações que a sucederam (Hospital Universitário, Centro de Tecnologia e

¹ No Rio de Janeiro, Decreto n. 30936 de 4 de agosto de 2009; e no Recife, Decreto n. 29.537 de 23 de março de 2016.

Faculdade Nacional de Arquitetura), o Instituto de Puericultura e Pediatria tem sua fachada voltada para a cidade, de modo que simbolicamente podia ser visto como a “porta de acesso” ao campus.

Burle Marx, convidado por Jorge Machado Moreira para realizar o projeto paisagístico deste edifício, propõe um partido com predominância de linhas sinuosas que enlaçam e contrastam com a geometria dos blocos que compõem o conjunto arquitetônico. O projeto paisagístico do IPPMG se integra no conjunto de importantes projetos institucionais e privados desenvolvidos por Burle Marx nos anos 1950, e compartilha de elementos estruturantes de sua linguagem neste período. Dentre eles, destacam-se os jardins e painéis das residências Olívio Gomes e Moreira Salles, e do edifício do Pedregulho. Nestes projetos, os percursos sinuosos são marcados por grandes manchas e volumes de vegetação herbácea, arbustiva e arbórea.

O projeto paisagístico proposto por Burle Marx é caracterizado, entre outros aspectos, pelo contraponto à ortogonalidade do projeto arquitetônico. As formas livres do desenho de piso e dos canteiros contrapunham e complementavam os planos retos e ortogonais. Os jardins podem ser divididos em três partes. A primeira, voltada para a Avenida Brigadeiro Trompowski, conformava uma praça de acesso, estabelecendo relações entre espaço livre e edificado. A segunda, como um pátio central e em plano inclinado, era delimitada pelas fachadas internas dos blocos, configurando um espaço de integração e de estar. Para o projeto dos jardins foi previsto um repertório de 80 espécies, entre árvores, palmeiras, arbustos e forrações, sendo estes últimos os mais representados no projeto (Amora, 2018; Costa, 2013). Além dos jardins, o IPPMG abriga ainda um painel de azulejos de Burle Marx, além de mais dois outros painéis também de azulejos, de Ayrton Sá Rego e Evanildo Gusmão.



Figura 1 – Localização do IPPMG no contexto da Cidade Universitária da UFRJ nos anos 1950.
Fonte: Autores, com base em imagem fornecida pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD/FAU/UFRJ)

O conjunto arquitetônico e paisagístico do IPPMG foi premiado na II Bienal de Arquitetura do Estado de São Paulo, em 1953, sendo um dos reconhecimentos da qualidade e nobreza das soluções arquitetônicas e paisagísticas empregadas. Hoje o IPPMG compõe a lista dos projetos paisagísticos e painéis de Burle Marx tombados por decreto municipal em 2009, ano do centenário do nascimento do paisagista, como um reconhecimento da sua relevância para a construção da paisagem moderna carioca e brasileira.

Tanto o edifício quanto o projeto paisagístico sofreram várias alterações e interferências ao longo dos anos. Nos anos 1980, Bruand (1981) já lamentava o péssimo estado em que estava o edifício. O projeto paisagístico, em especial, sofreu muitas perdas, principalmente a partir de mutilações em seu terreno, evidenciando disputas entre propostas rodoviaristas e o campus da universidade.

A primeira alteração significativa se deu com a construção da Linha Vermelha em 1992, via expressa que liga a capital fluminense a municípios da Região Metropolitana. À época, uma área superior a 5.000 m² foi suprimida para a implantação da via expressa, sem a elaboração de qualquer

projeto de mitigação. Em 2014, os jardins sofreram outra perda, de aproximadamente 2.000 m², decorrente da implantação do corredor de BRT TransCarioca. Desta vez, o Escritório Burle Marx foi contatado e elaborou um projeto de restauro do conjunto paisagístico que, no entanto, nunca foi implementado.

Hoje, quase 70 anos após a sua inauguração, o conjunto paisagístico-arquitetônico do IPPMG apresenta-se bastante descaracterizado (Figuras 2 e 3). No que diz respeito aos jardins, considerando o que sobrou após todas estas intervenções, somadas à falta de manutenção dos jardins ao longo dos anos, constata-se a quase completa descaracterização do projeto de Burle Marx para o IPPMG. As áreas pavimentadas foram perdendo o calçamento em pedra portuguesa e a distinção entre canteiros ajardinados e espaços de estar e circulação desapareceu em diversos pontos da quadra. A praça central e outras áreas destinadas aos pedestres foram lentamente sendo ocupadas por veículos, transformando-se em áreas de estacionamento. Verifica-se também a perda significativa do material vegetal original e a manutenção de apenas poucas áreas ajardinadas com plantio que não se relaciona com o projeto paisagístico original.

4



Figura 2 – Fachada do ambulatório nos anos 1950 (à esquerda) e atualmente (à direita).
Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD/FAU/UFRJ) e autores, 2022.

2 O Grupo de Trabalho para o restauro dos jardins de Roberto Burle Marx na UFRJ é composto por professores, funcionários e alunos de diferentes setores, tais como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Prefeitura Universitária, Escritório Técnico Universitário, com o apoio do Instituto Roberto Burle Marx.



Figura 3 – Fachada do lactário nos anos 1950 (à esquerda) e atualmente (à direita).
Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD/FAU/UFRJ) e autores, 2022.

5

A partir do reconhecimento da importância do legado de Burle Marx na UFRJ, a atual reitoria organizou um Grupo de Trabalho com o objetivo de propor diretrizes para o restauro de seus jardins no campus, e é no âmbito do trabalho deste GT que esta proposta metodológica se insere². Na base de suas ações, o GT reconhece a importância do entendimento dos usos, apropriações e expectativas da população que trabalha, estuda, utiliza e circula pelo IPPMG, no contexto do processo de recuperação da proposta original de Burle Marx para o instituto. Como já destacado anteriormente, “a UFRJ é guardiã de um patrimônio que pertence à cultura brasileira, e desta forma não devemos poupar esforços para o enriquecimento e irradiação deste patrimônio” (Costa, 2013, p. 39).

3. ESTRATÉGIAS PARA COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS E APROPRIAÇÕES

De modo a compreender as alterações pelas quais o Instituto de Puericultura passou ao longo de seus 70 anos de história, foram empreendidas diversas ações de levantamentos. O primeiro deles foi um levantamento mais amplo de fontes bibliográficas sobre o histórico do Instituto de Puericultura, o projeto da Cidade Universitária, os projetos de Burle Marx para o campus e as cartas patrimoniais relacionadas a jardins históricos. Junto ao Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da FAU/UFRJ e outros órgãos arquivísticos, como o Instituto Moreira Salles e o Arquivo Nacio-

nal, foram obtidos registros fotográficos da obra em distintas épocas, o que possibilitou traçar um panorama das alterações dos jardins e de seu entorno imediato.

Posteriormente, também junto ao NPD/FAU/UFRJ, foram acessados tanto os desenhos técnicos da edificação e de desenho urbano de Jorge Machado Moreira para o IPPMG e sua inserção no campus, quanto o projeto complementar de ajardinamento realizado por Roberto Burle Marx. Este primeiro levantamento possibilitou uma compreensão das diretrizes espaciais e urbanísticas levadas em conta quando na concepção da obra e seu diálogo com o restante da proposta da Cidade Universitária. Também foram obtidas, junto à Prefeitura Universitária da UFRJ, as plantas do projeto de restauro encomendado ao escritório Burle Marx em 2014, como contrapartida à supressão de trecho do jardim pela implantação do BRT TransCarioca. O acesso a esse projeto é de fundamental importância para a compreensão das propostas já colocadas pelo próprio escritório. Por fim, foi executado em campo, com auxílio da paisagista da Prefeitura Universitária da UFRJ, um inventário botânico de árvores e palmeiras existentes atualmente no local. A partir desse resultado, e utilizando o material anteriormente obtido, foram traçados comparativos entre os diferentes tempos do projeto, para explicitar as alterações drásticas ao longo dos anos que permitiram traçar algumas hipóteses quanto ao uso dos espaços.

De forma a prosseguir com os estudos que futuramente embasem o restauro do projeto paisagístico, foram realizadas entrevistas semiestrutura-

das com o atual diretor do IPPMG, que elucidou alguns pontos da logística interna e das dinâmicas de atendimento externo do complexo hospitalar e expôs aspectos problemáticos desses usos, e novamente com paisagista da Prefeitura Universitária, que esclareceu pontos relacionados às alterações de acesso e circulação ao complexo promovidas durante a construção da Linha Vermelha, que de forma documental não haviam sido esclarecidas.

Atualmente o trabalho está na fase da análise comportamental dos usuários nas áreas externas do IPPMG, de modo particular a partir dos fluxos por eles estabelecidos com a nova lógica de funcionamento do edifício. Dentro os procedimentos selecionados para a avaliação dos jardins, lançou-se mão de mapeamento, fotografias/vídeos e diagramas. Optou-se pelo método de observação e contagem indiretas, fundamentado nos clássicos estudos de Whyte (1980) e Zeisel (2006) de registro das formas de apropriação dos usuários em espaços públicos. No caso do IPPMG, decidiu-se por adaptar a metodologia para um registro por filmagem em *time lapse*, recurso mais atualizado e de fácil acesso e manipulação a partir de qualquer smartphone, e que permitiria revisitar o material original posteriormente, facilitando não só a quantificação como a própria análise comportamental, por meio de constatação mais evidente das movimentações e apropriações ocorridas.

Devido à realidade de atendimento do IPPMG, explicitada em entrevista com o diretor do instituto, optou-se por fazer a observação e registros no horário da manhã em dias úteis, coincidente com a maior parte dos atendimentos oferecidos pela instituição. Portanto, no intervalo entre oito e nove horas da manhã, foram feitos os registros em cinco locais de acesso ao edifício (Figura 4): nos acessos aos consultórios (número 1), à emergência (número 2), de ambulâncias (número 3), do ambulatório (número 4) e do acesso nobre (número 5). O acesso independente da atual escola, antiga pupileira no projeto original (número 6), foi desconsiderado neste estudo por uma questão de privacidade. Em cada um dos acessos, a câmera realizou um registro em *time lapse* por 15 minutos, resultando em um vídeo final com duração de 30 segundos. O intervalo foi estabelecido em conformidade com a escala do local e dentro do cone visual possível, capaz de detectar alguma movimentação que saísse do quadro de análise, ao mesmo tempo em que garantisse mensurar a permanência dos usuários no espaço. Para efetuar a análise, a partir do vídeo obtido, foi definida a observação de usuários – fixos ou móveis – através de frames a cada dois

segundos do *time lapse*, o equivalente a 20 segundos em tempo real. Dessa forma foi possível determinar trajetórias dos usuários em movimento e as atividades realizadas pelos usuários estáticos, quer sejam elas individualmente ou coletivamente.

Definindo o cone visual, o smartphone foi posicionado em tripé ou semelhante, a cerca de cinco metros das fachadas onde os acessos se localizam e a uma altura de 1 (um) metro em média. Tanto o afastamento quanto a altura permitiram visualização e registro claros de cada acesso estudado.

Para a elaboração das imagens-síntese, os usuários em movimento foram representados por uma linha pontilhada resultante do caminho efetuado, que varia em espessura de acordo com a quantidade de usuários que realizam tal percurso – sendo o mais espesso o traçado com maior número de usuários observados e o mais fino o com menor número. Dentro do software de construção gráfica, cada usuário identificado equivale a 0,5 pixels de tamanho. Essa escolha se deu para que os fluxos de maior escala permitissem a visualização do contexto local e dos fluxos de menor escala. Por exemplo, um fluxo efetuado por 24 pessoas assume a espessura de 12 pixels. A seta na extremidade da linha indica o sentido do deslocamento. Os usuários fixos, isto é, que não se deslocam no momento da análise, são representados por estrelas. As estrelas cheias correspondem àqueles que estão sentados, enquanto as estrelas vazadas aos usuários de pé.

Optou-se por dois campos cromáticos que seriam empregados na representação de todos os acessos. Os tons terrosos – variações de laranja e marrom – retratam os percursos vindos de zonas fora do campo de visão. Os tons de azul, por outro lado, simbolizam os percursos cuja origem está nos acessos ou em zonas dentro do campo de visão. Buscou-se, para origens de fluxos similares, a manutenção de uma mesma cor, de forma a facilitar a compreensão e visualização dos percursos observados.

4. LEITURA DOS MOVIMENTOS E APROPRIAÇÕES

O acesso aos consultórios foi o primeiro estudado, destacado na imagem abaixo (Figura 5).

Esta porção do bloco A, que divide espaço com a atual escola e com o andar de estudos voltados para a saúde infantil, é uma parte importante e bem movimentada do IPPMG. Nela vê-se um fluxo intenso de pessoas em

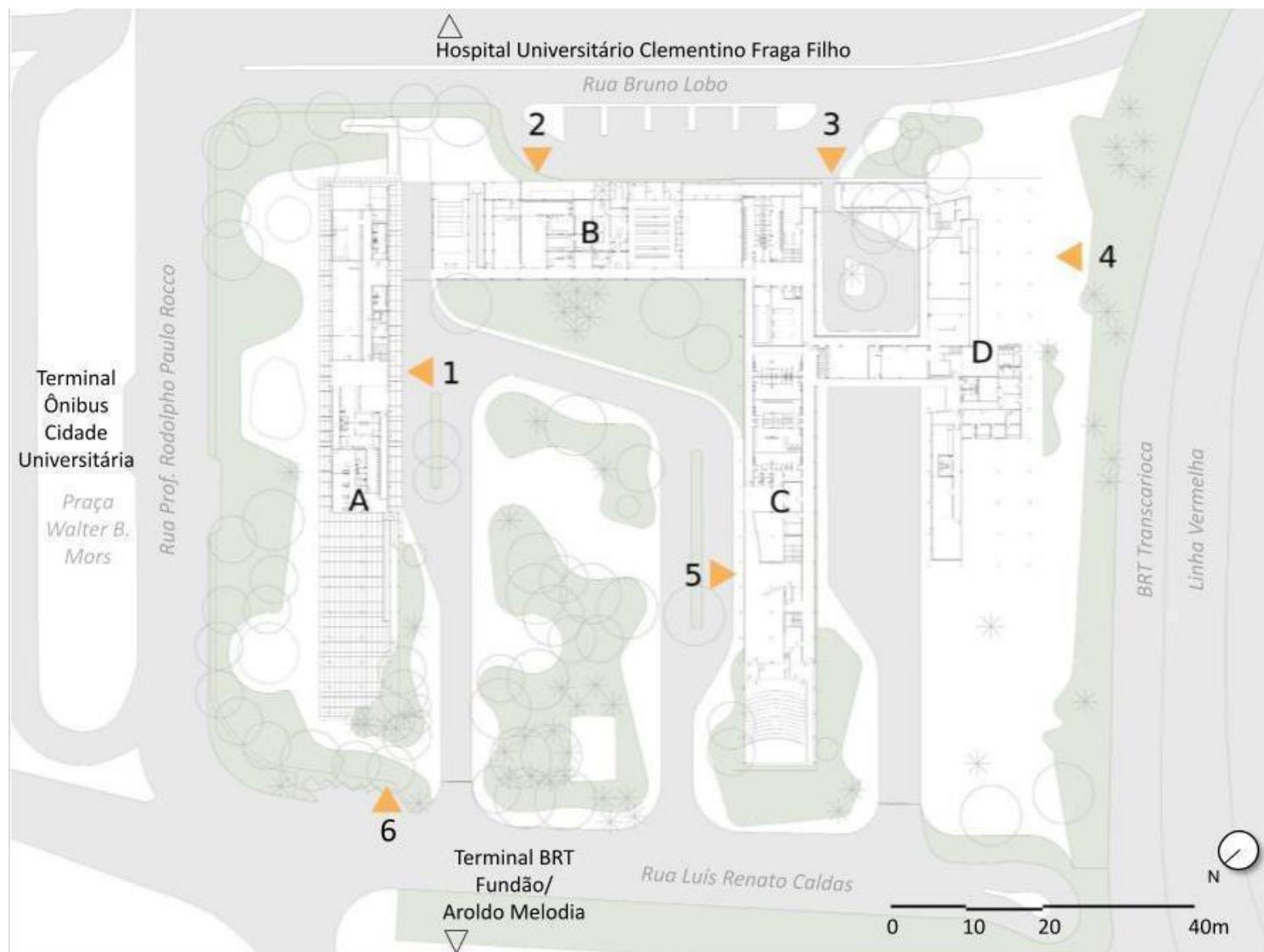


Figura 4 – Acessos observados em planta-baixa do pavimento térreo do IPPMG, com inserção na atual configuração da quadra e jardins.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

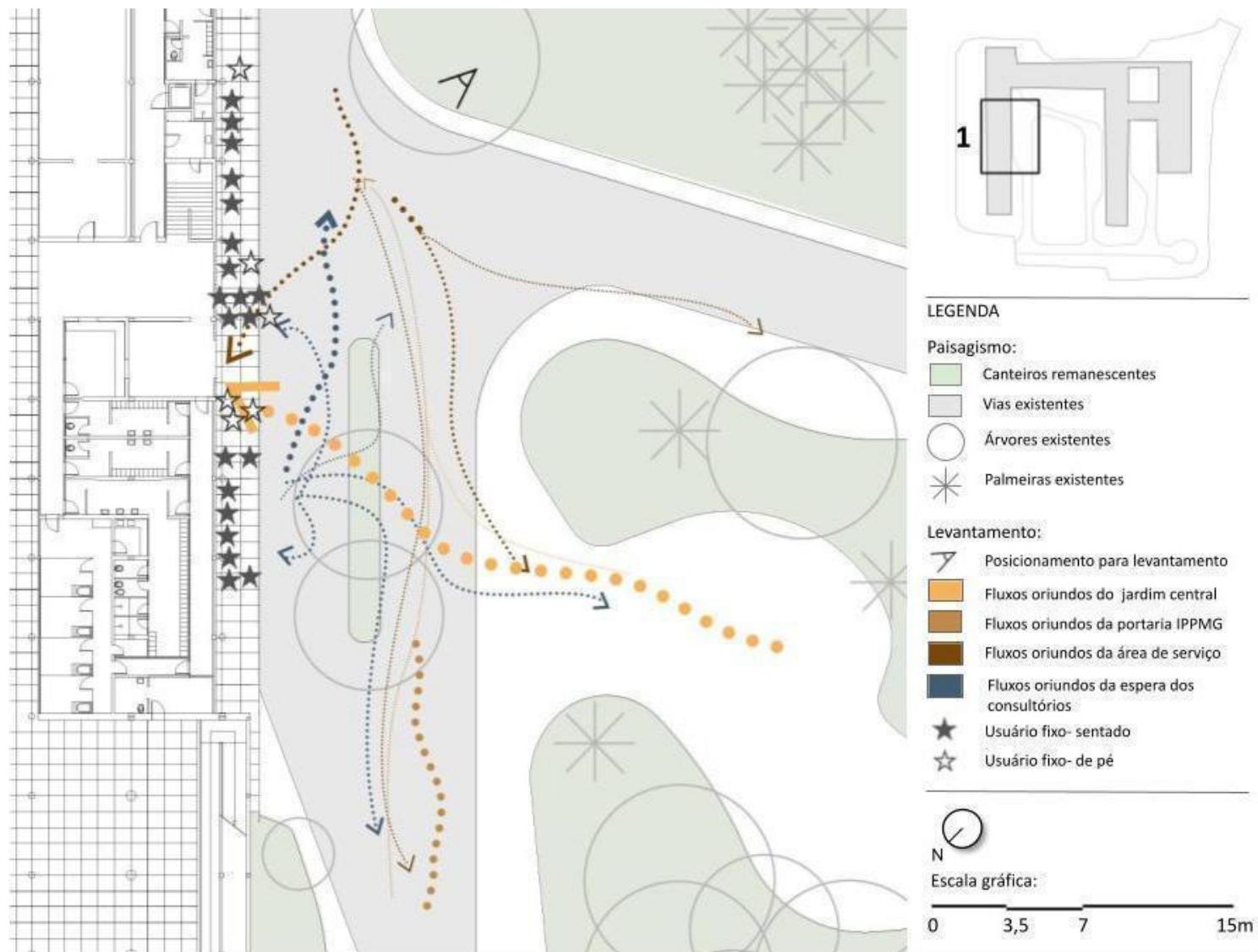


Figura 5 – Mapeamento de levantamento de campo do Acesso I – Consultórios.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

movimento e em permanência junto à entrada, aguardando atendimento. Com sua entrada recuada no térreo, cria-se uma marquise sob a qual existem bancos e cadeiras improvisados para que os pacientes pediátricos e seus responsáveis esperem o atendimento, até mesmo nos espaços abertos. A falta de um local qualificado e o longo tempo de espera fazem com que haja dispersão temporária de pacientes em direção ao jardim

central (tom escuro de azul), principalmente crianças acompanhadas pelos responsáveis, enquanto os demais fluxos (cores terrosas), decorrem da movimentação temporária dos indivíduos em espera de atendimento. A segunda observação foi no acesso à emergência, destacado na Figura 6.

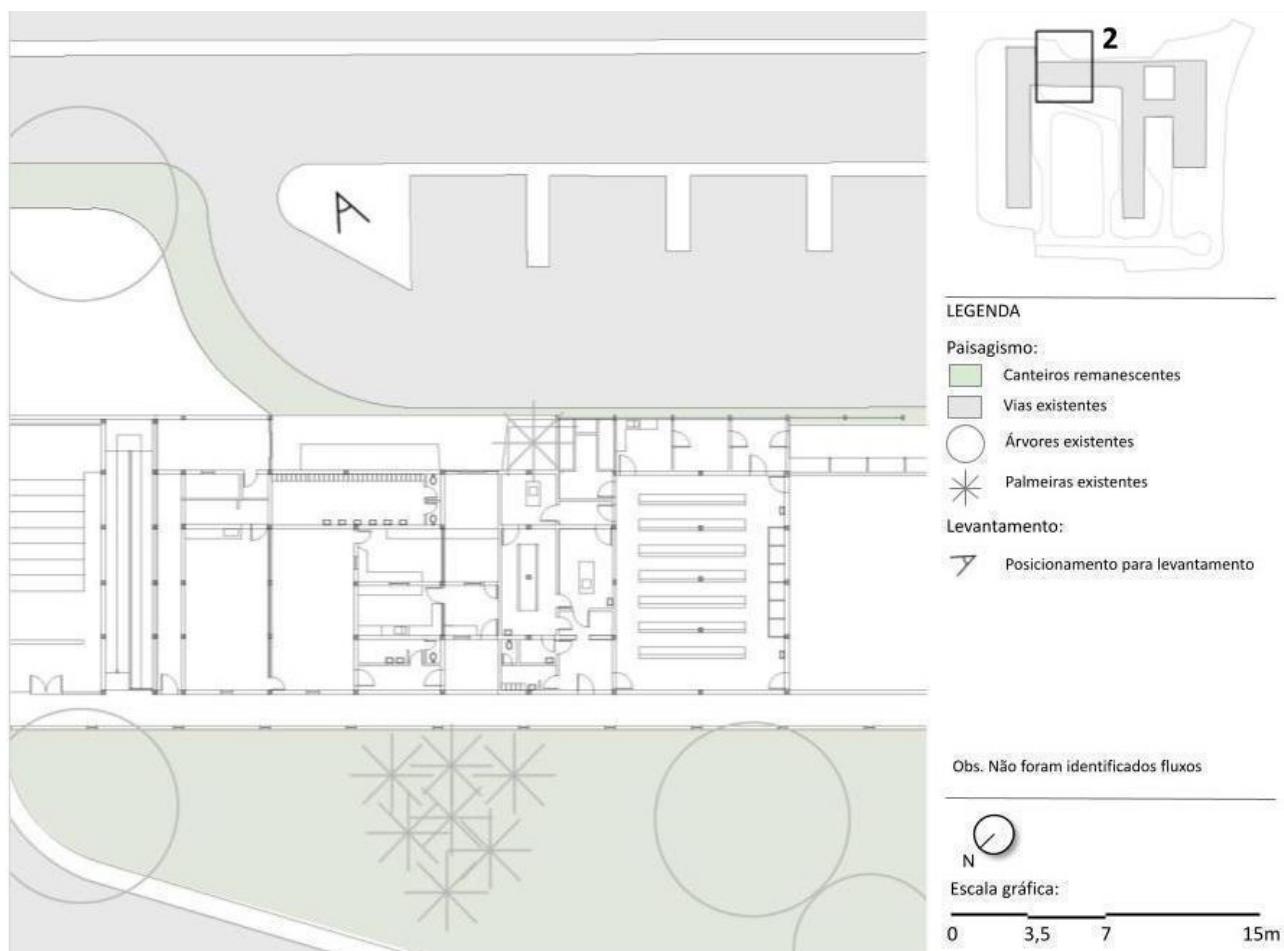


Figura 6 – Mapeamento de levantamento de campo do Acesso 2 – Emergência.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

O bloco B, no qual a emergência se localiza, é o volume que permite a circulação e a conexão entre os outros três blocos transversais (blocos A, C e D). Originalmente destinado a acolher um lactário (Bruand, 1981), a fachada do bloco joga com um repertório de elementos arquitetônicos que permitem leituras de cheios e vazios, opacidades e transparências. Além dos artifícios do edifício, o recuo que leva ao acesso abrigava canteiros ajardinados – removidos ao longo dos anos – e um painel de azulejos – este ainda existente, de autoria de Burle Marx.

Presentemente, a lógica de entrada do bloco foi alterada, assim como as funções previstas, já que a emergência ocupa parte do bloco. Entretanto, por questões da administração do instituto e da UFRJ, o atendimento estava suspenso quando da observação. No espaço, apesar disso, são perceptíveis os bancos pintados de azul que estão junto ao painel, que proporcionariam um local de descanso aos usuários.

A terceira observação se deu no atual acesso de ambulâncias, projetada como uma entrada de serviço, destacada na Figura 7.

O pátio conformado pelas fachadas dos blocos B, C e D viabiliza o acesso e a movimentação de ambulâncias e outros carros de serviço, assim como, devido à proximidade dos blocos, permite uma circulação facilitada dos pacientes.

Os percursos mais significativos ocorrem de modo tangencial ao acesso, tanto no sentido ambulatório-emergência quanto no sentido oposto. Há, ainda, parcelas similares de pedestres que se dirigem ao acesso de ambulâncias, oriundos da Rua Bruno Lobo (cor laranja), do ambulatório (tom intermediário de marrom) e da emergência (tonalidade marrom-clara). Também foram observados fluxos oriundos de alguns poucos veículos (tom escuro de marrom), bem como originados da portaria de ambulâncias.

O predomínio de zonas destinadas ao estacionamento, nos arredores da entrada, sugere um motivo para que os usuários se desloquem junto ao edifício, pelo passeio. No trecho entre os acessos 3 e 4, inclusive, um caminho foi criado pelo fluxo constante sobre o canteiro, previsto originalmente no projeto de Burle Marx.

A quarta observação ocorreu no acesso ao ambulatório, destacado na Figura 8.

Constituído por um terreno livre sob pilotis e rodeado por diferentes texturas da arquitetura de Jorge Machado Moreira – como os planos de vidro, os cobogós, as paredes em pedra e os painéis de Ayrton Sá Rego (Morais, 1990 *apud* Silveira, 2008, p. 147) – o acesso ao ambulatório está localizado próximo à pista do Corredor BRT TransCarioca e da Linha Vermelha, na fachada sudoeste do instituto, trecho que sofreu maior perda dos jardins e um estreitamento significativo entre o edifício e a via.

Antes mesmo de alcançar o terreno livre, há evidentes marcas de apropriação do espaço pelos usuários. São vendedores ambulantes que, diante da ausência de equipamentos que deem apoio aos pacientes do IPPMG, se alocam ao longo da parede de cobogós e dispõem, em suas bancas, tanto comidas quanto brinquedos e outros artigos do gênero.

Os fluxos mais representativos são os oriundos da rua (cor laranja) e da recepção (tonalidade mais escura de azul), respectivamente. Isto se justifica pelo fato de representarem os pontos de destino e partida. Os dois percursos realizados pelos usuários estruturaram e derivam fluxos menores, mas é evidente que, ao primeiro intercolúnio dos pilotis, os transeuntes já se abrigam sob o prédio, ainda que haja sombra também na área próxima aos canteiros do jardim.

Na região dos pilotis ocorre, inclusive, uma significativa parcela dos deslocamentos observados. São idas e vindas à recepção em busca de informações; acompanhantes que se apoiam nos bancos antes de seguir o percurso com as crianças; espera de um responsável enquanto outro adulto acompanha a consulta pediátrica no interior do hospital. Além do fluxo estruturante – a vertical rua-recepção e recepção-rua –, há alguns fluxos que merecem destaque, como o dos usuários do laboratório (tom intermediário de azul). Também estão sinalizados, em azul-claro, os fluxos cuja origem é a área dos bancos, bem como o fluxo originado nos jardins do BRT, sinalizados em marrom.

Sob os pilotis, sobre os bancos. Esta poderia ser a definição das ações observadas junto aos usuários fixos, sentados. Os bancos são perimetrais e ocupam os planos junto à rampa e à recepção. Dentre os pontos fixos, um se destaca pela articulação que gera no espaço do ambulatório. É o fluxo que representa uma vendedora ambulante (cor roxa na transcrição), que aloca seu carrinho de doces junto aos pilotis, local onde passam pessoas que chegam e saem do ambulatório.

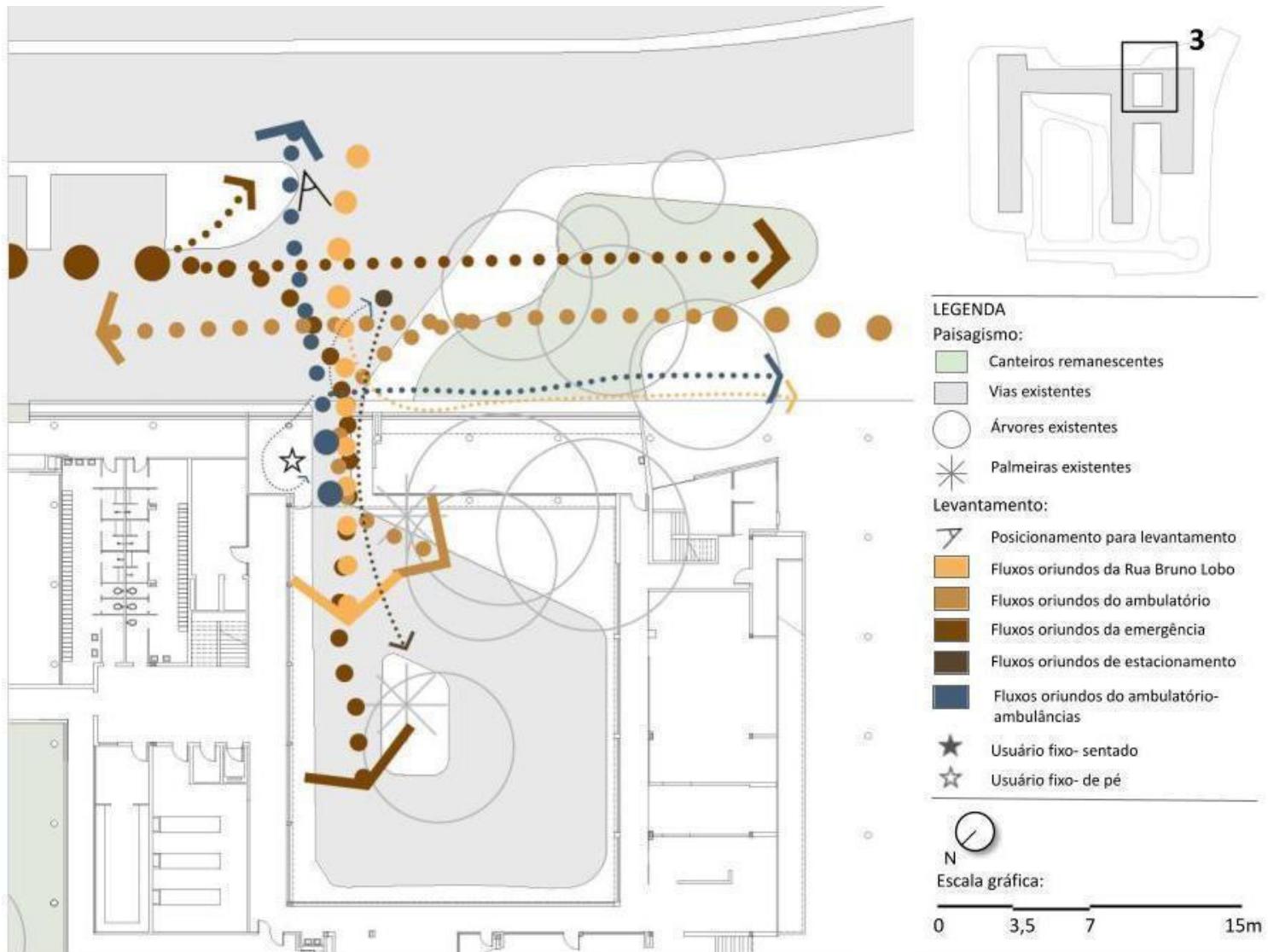


Figura 7 – Mapeamento de levantamento de campo do Acesso 3 – Ambulâncias.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

12



Figura 8 – Mapeamento de levantamento de campo do Acesso 4 – Ambulatório.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

Por fim, foi considerado o acesso nobre originalmente previsto no projeto, destacado na Figura 9.

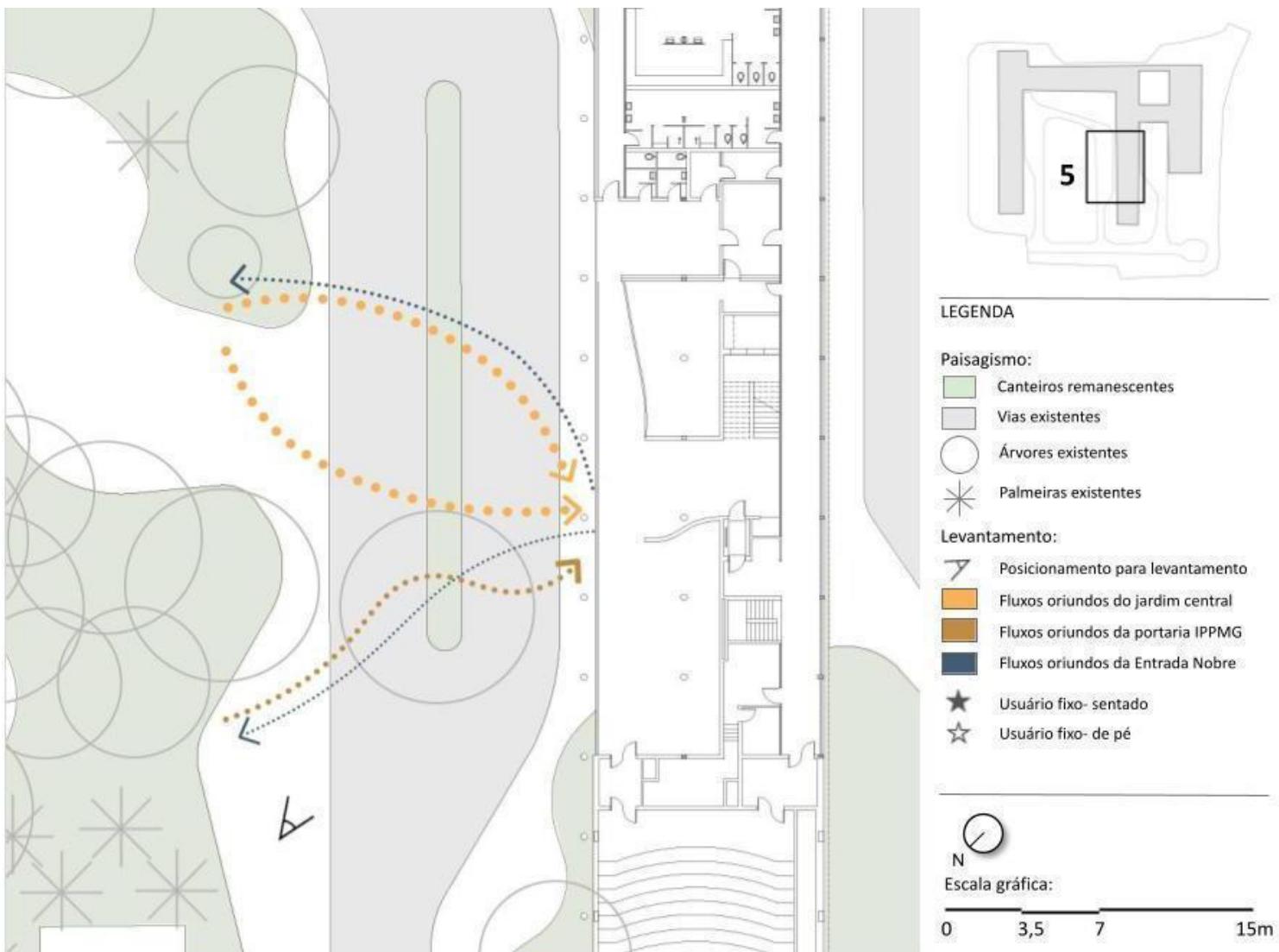


Figura 9 – Mapeamento de levantamento de campo do Acesso 5 – Acesso Nobre.
Fonte: Autores, com base em levantamento arquitetônico ETU/UFRJ.

Neste percebe-se um fluxo bem menor de pessoas, mesmo que o projeto tenha sido feito para que fosse a entrada mais movimentada. Arquitetonicamente, ela é mais ornamentada e atrativa, mas, com os usos atuais, se tornou segundo plano perante as demais entradas. O fluxo principal refere-se à chegada de pessoas pelo estacionamento que ocupa a praça central (tom de laranja), principalmente médicos do IPPMG, enquanto os demais fluxos são divididos em saídas de pessoas em direção ao portão de entrada e saída ou para o acesso aos consultórios (tom de azul-escuro) e de chegada pelo portão de entrada e saída do IPPMG (tom de marrom).

De modo a compilar os dados observados e facilitar a visualização, os fluxos foram representados por meio do diagrama abaixo (Figura 10). A coluna da esquerda apresenta, por acesso, os pontos de origem, que se repetem na coluna da direita, mas como pontos de destino. A lógica de espessura e relação pessoa/pixel das representações se manteve.

O diagrama explicita como a relação dos percursos atualmente é regida por uma proposta objetiva, em que o usuário busca realizar o percurso de um ponto ao outro do modo mais direto e sem usufruir das propostas projetuais da arquitetura e do paisagismo, evidenciado pela pouca presença dos jardins como pontos de origem e destino dos usuários do IPPMG. Esta constatação é mais evidente no acesso 4 (ambulatório), no qual os principais percursos são Rua Bruno Lobo/Recepção e Recepção/Rua Bruno Lobo, sendo os jardins pouco explorados, contrariando a proposta original de Burle Marx.

Também o acesso à emergência se destaca, devido à inatividade vigente no período observado. A ausência de dados revela relações fundamentais do edifício e seu entorno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento comportamental a partir de filmagens *time-lapse* se mostrou uma estratégia metodológica relevante para compreender as dinâmicas entre os usuários, o edifício e seus espaços abertos, com vistas ao restauro dos jardins de Burle Marx para o local. Os resultados confirmam o que é percebido ao circular pelo que hoje sobrou dos jardins: meros espaços residuais, indefinidos, e nem de longe lembram o refinamento, a erudição e a elegância com que foram projetados.

Observou-se também que, uma vez que a edificação teve seus fluxos funcionais alterados ao longo do tempo – algo bastante comum em arquitetura hospitalar –, novas pressões foram geradas sobre o entorno, particularmente sobre os jardins, que precisam ser compreendidas para subsidiar ações necessárias à sua atualização e à preservação do conjunto paisagístico.

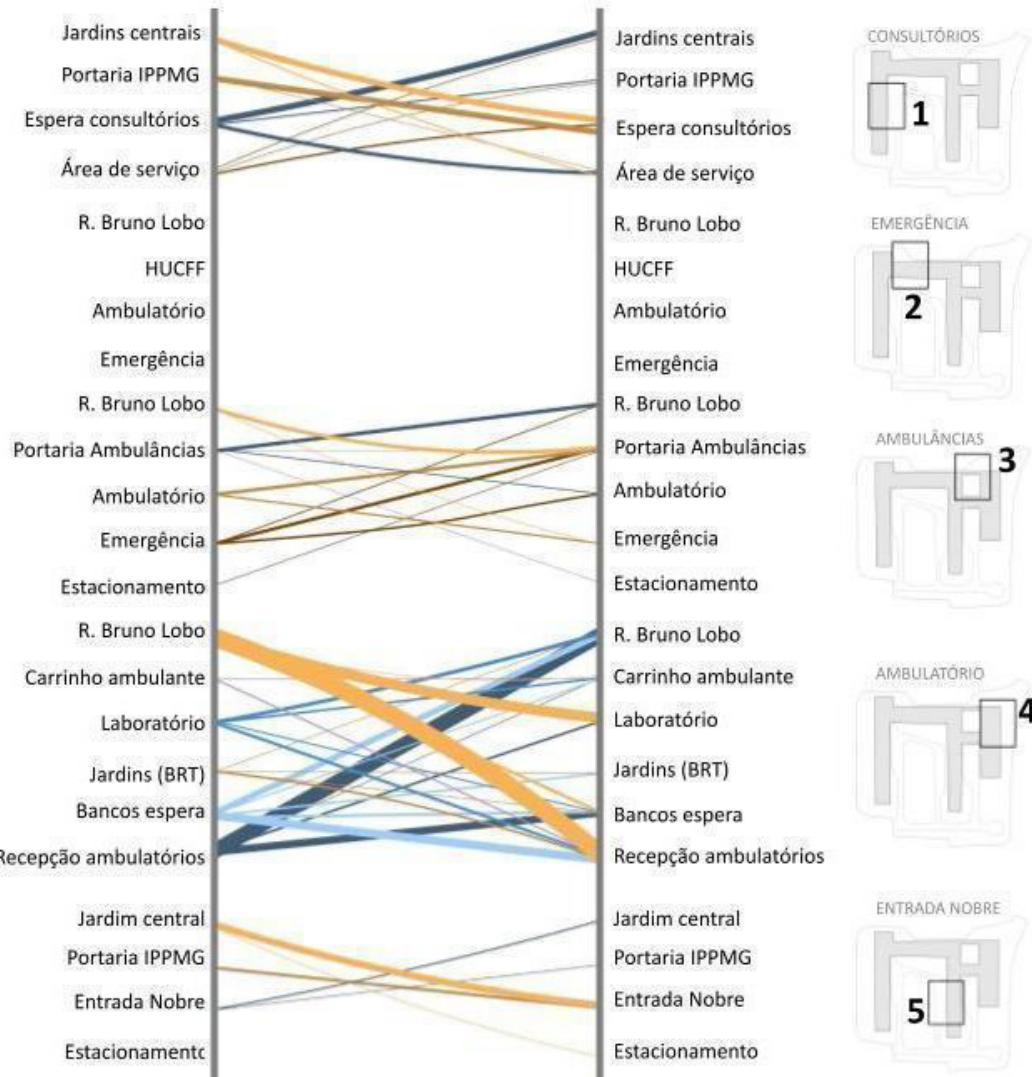
Ficou evidente a dissociação entre a arquitetura e seus espaços abertos, ao contrário das relações originalmente previstas por Jorge Machado Moreira e Burle Marx. Os jardins, quando não devastados pelas sucessivas obras viárias, se tornaram espaços para estacionamento veicular de funcionários do IPPMG e se desconectaram dos espaços habitados no cotidiano funcional da instituição.

Este ponto é perceptível de modo particular nos acessos 1 e 4. Locais com maior fluxo de pessoas e próximos aos jardins, os pacientes e acompanhantes se aglomeram ora nos bancos e cadeiras precários junto à entrada dos consultórios, buscando a tímida sombra do edifício, ou se posicionam nos bancos de concreto sem encosto nos pilotis do ambulatório.

Durante o processo de construção metodológica ficou evidente a importância de avaliar o conforto térmico. Ao longo das observações em campo, a busca pela sombra no período de espera pelo atendimento era inequívoca. A quebra do vínculo entre a arquitetura e o paisagismo faz com que a sombra do edifício e seu interior seja mais utilizada do que a sombra que a vegetação poderia propiciar. Somando-se a isto o agravante da supressão ou ausência de plantio das espécies arbóreas previstas no projeto original, que contribui para um distanciamento maior entre os usuários e os jardins, que deixam de ser acolhedores.

Afastamento do jardim, perda de qualidade espacial, falta de manutenção. Esse faseamento acaba por gerar um processo cíclico no IPPMG, o que justifica, em parte, o estado atual do patrimônio. No jardim central, entre os acessos 1 e 5, o espaço proposto por Burle Marx inclui canteiros e pavimentação de pedra portuguesa, hoje invadidos pelos automóveis. Os carros competem e oferecem riscos aos usuários, quase sempre acompanhados de crianças. Os espaços hoje existentes não incorporam a lógica originalmente proposta de articulação exterior e interior.

Como apontado por Whyte (1980), locais para sentar são fundamentais em espaços abertos, e nos jardins em áreas hospitalares são também impor-



15

Figura 10 – Síntese dos fluxos em cada acesso, com locais de origem, destino e intensidade dos mesmos
Fonte: Autores.

tantes para abrigar e oferecer conforto durante a espera pelo atendimento médico, além de permitir a fruição dos jardins. Observou-se a necessidade de recuperar os bancos sinuosos junto aos canteiros, propostos no projeto original dos anos 1950, além de considerar a implantação de outros.

A partir das apreciações de uso realizadas nessa etapa da pesquisa, as próximas ações visam estabelecer um contato direto com os atores do IPPMG: equipe médica, estudantes, professores, prestadores de serviço, responsáveis pelos pacientes, administradores do campus universitário, entre outros. Essa aproximação pode confirmar ou retificar as percepções obtidas por meio dos levantamentos, contribuindo para a construção das diretrizes de restauro de modo a aproximar os jardins de seus usuários contemporâneos, ao mesmo tempo em que recupera as qualidades do jardim projetado por Burle Marx. Esta não é uma tarefa fácil, uma vez que o programa e as atividades desenvolvidas no instituto mudaram com o tempo. O reconhecimento e incorporação de novas demandas e pressões no processo de atualização do projeto original são exemplos dos muitos desafios à frente do restauro e atualização da proposta de Burle Marx para o IPPMG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA, Ana. The garden in the modern hospital architecture of the 'Carioca School' in Rio de Janeiro, Brazil. **Gardens and Landscapes of Portugal**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 22-38, 2018.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CARDOSO, Marianna. Da preservação à restauração: políticas e métodos aplicados aos jardins históricos. **Paisagem e Ambiente**: Ensaios, [s. l.], n. 38, p. 147-163, 2016.
- CARNEIRO, Ana; SILVA, Aline; MAFRA, Fátima. Restaurando o jardim moderno de Burle Marx: a Praça Faria Neves no Recife-PE. *In: SEMINÁRIO DO DOCOMOMO BRASIL*, 7., [s. l.], 2007. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2007. p. 1-14.
- CARNEIRO, Ana et al. A conservação de um jardim de Burle Marx: Praça Ministro Salgado Filho. **Bitácora**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 43-50, 2015.
- CARNEIRO, Ana; SILVA, Joelmir. Restaurando jardins d'água na Praça de Casa Forte. **Revista Espaço Acadêmico**, [s. l.], n. 213, p. 27-39, 2019.
- COSTA, Lúcia. Os jardins de Roberto Burle Marx para o Instituto de Puericultura da UFRJ. *In: AYRES, Leon. Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira: 60 Anos*. Rio de Janeiro: IPPMG/UFRJ, 2013. p. 38-40.
- COSTA, Lucia et al. Roberto Burle Marx na quadra da FAU-UFRJ: possibilidades didáticas através da representação gráfica da arborização. **InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 1-20, 2022.
- COSTA, Lucia; URBINA, Carla; VILLALOBOS, María. A paisagem-escola de Roberto Burle Marx na cidade universitária, UFRJ: desafios para sua preservação. *In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO 2018 – ICO-M*. Belo Horizonte, 2018. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 7013-7031.
- IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Manual de intervenções em jardins históricos**. Brasília, DF: Iphan, <1999>a. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man_IntervencaoJardinsHistoricos_1edicao_m.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.
- IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros dita Carta de Juiz de Fora**. Brasília, DF: Iphan, <2010>b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- JARDIM, Paulo. O Arquiteto e a Arquitetura do IPPMG. *In: AYRES, Leon. Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira: 60 Anos*. Rio de Janeiro: IPPMG/UFRJ, 2013. p. 28-36.
- OLIVEIRA, Antônio José. O Instituto de Puericultura e a Cidade Universitária. *In: AYRES, Leon. Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira: 60 Anos*. Rio de Janeiro: IPPMG/UFRJ, 2013. p. 14-17.
- SILVA, Joelmir M. da. O restauro da Praça Euclides da Cunha: a paisagem sertaneja de volta ao jardim. **Patrimônio e Memória**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 221-243, 2020.
- TREITLER, Sergio M. A importância dos jardins históricos e a restauração de um jardim de Burle Marx. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 51-56, 2010.
- WHYTE, William. **The social life of small urban spaces**. Washington, DC: Conservation Foundation, 1980.
- ZEIZEL, John. **Inquiry by design**: Environment/behavior/neuroscience in architecture, interiors, landscape, and planning. New York: W.W. Norton & Company, 2006.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao CNPq, à FAPERJ, ao IPPMG/UFRJ, ao NPD/FAU, à paisagista Beatriz Emílio (Prefeitura Universitária/UFRJ) e ao professor Bruno Lobo (IPPMG) pelo apoio a esta pesquisa.

Yuri Queiroz Abreu Torres

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)/Escola de Minas/Departamento de Engenharia Urbana
Campus Morro do Cruzeiro s/n, Ouro Preto, MG, Brasil, 35400-000
CV: <http://lattes.cnpq.br/3525111364876400>
Orcid: 0000-0002-8560-7068
E-mail: yuri.torres@ufop.edu.br

Lucia Maria Sá Antunes Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB)
Prédio da Reitoria, Av. Pedro Calmon, nº 550 - 2º andar - Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ Brasil, 21941-901
CV: <http://lattes.cnpq.br/4190044706270459>
Orcid: 0000-0002-6521-4064
E-mail: lucia.costa@fau.ufrj.br

Denise Barcellos Pinheiro Machado

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB)
Prédio da Reitoria, Av. Pedro Calmon, nº 550 - 2º andar - Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ Brasil, 21941-901
CV: <http://lattes.cnpq.br/0606766303842102>
Orcid: 0000-0002-2326-6202
E-mail: denisepm10@gmail.com

Pedro Guimarães Teixeira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB)
Prédio da Reitoria, Av. Pedro Calmon, nº 550 - 2º andar - Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ Brasil, 21941-901
CV: <http://lattes.cnpq.br/9542701826561624>
Orcid: 0000-0001-9075-8998
E-mail: pedro.teixeira@fau.ufrj.br

Priscilla Villela da Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB)
Prédio da Reitoria, Av. Pedro Calmon, nº 550 - 2º andar - Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ Brasil, 21941-901
CV: <http://lattes.cnpq.br/9891427597271076>
Orcid: 0000-0003-3775-815X
E-mail: privillela.arq@gmail.com

Nota do Editor

Revisão do texto: Tikinet